# A BRINCADEIRA E O PRINCÍPIO DE EDUCAR[1]

Arícia Mirella dos Santos[2]
Marifran Alves Dantas
Rosângela Santos Gomes

## RESUMO

O presente trabalho tenta perceber a motivação das crianças na Educação Infantil através das brincadeiras com um forte estímulo, diante da prática do educador que busca um caminho para um ensino transformador e mais consciente. Para que isso ocorra, faz-se necessária a intervenção da ludicidade com o propósito de que os alunos consigam obter uma autonomia, afastando os obstáculos que se opõem à construção do conhecimento. O princípio de educar associado à brincadeira tem um papel fundamental na educação infantil, pois o conhecimento é adquirido por um processo de natureza assimiladora e não simplesmente registradora. Para efeito deste estudo, foi realizada uma análise bibliográfica, mediante livros e publicações que fundamentam os aspectos lúdico, educativo e social nas práticas de Educação Infantil.

**Palavras-chave**: Brincadeira. Educação Infantil. Cuidar e Educar

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Profa. Msc. Rita de Cássia Dias Leal.
[2] Acadêmicas concludentes do curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França.

# 1 INTRODUÇÃO

A escolha deste tema gerou-se pelo fato de que atualmente o brincar na educação infantil tornou-se um assunto de pleno envolvimento pedagógico, tomando diversos segmentos do âmbito educacional, em especial, o daqueles envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Este artigo tem por finalidade descrever sobre a importância dos ensinamentos na educação infantil, e do importante papel que as brincadeiras exercem no desenvolvimento da criança.

Para isso, faz-se necessário saber o significado da brincadeira, conceituar os principais termos utilizados para designar o ato de brincar, tornando-se também fundamental analisar o papel do educador nesse processo lúdico, e ainda, os benefícios que a brincadeira proporciona.

De acordo com Craidy (2004, p. 16), é através da brincadeira que as crianças também se constituem como indivíduos. As brincadeiras não só expressam as possibilidades que têm de se oporem à dependência de adquirirem certa autonomia, mas também valorizam uma reação positiva: podem ser uma das formas mais variadas e construtivas de se relacionarem com os adultos e com outras crianças. É através do brinquedo que elas conquistam suas primeiras relações com o mundo exterior e entram em contato com os objetos, o que lhes permite várias possibilidades de expressão e criação.

O brincar tem contido nele os mais diversos elementos e valores que são suas virtudes e os seus pecados. Virtudes, porque na essência, eles são constituídos de princípios generosos que permitem a revitalização permanente. Pecados porque o brincar pode ser também manipulado e desviado para as mais diferentes finalidades ou objetivos, podendo comprometer a verdade.

A criança tem características próprias e para se tornar um adulto, ela precisa percorrer todas as etapas de seu desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional. Seu primeiro apoio nesse desenvolvimento é a família, posteriormente, esse grupo se amplia com os colegas de brincadeiras e a escola.

A criança é um ser completo, tendo sua interação social e construção como ser humano permanentemente estabelecido em tempo integral. Cuidar e educar significa compreender que o espaço/tempo em que a criança vive exige seu esforço particular

e a mediação dos adultos como forma de proporcionar ambientes que estimulem a curiosidade com consciência e responsabilidade.

Nesse sentido, a relação entre brincadeira e educação é explorada neste artigo a partir de fontes bibliográficas que enfatizam o ato de brincar como meio para educar as crianças da educação infantil.

## 2 O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando se propõe trabalhar com crianças bem pequenas, deve-se ter como princípio, conhecer seus interesses e necessidades. Isso significa saber verdadeiramente quem são saber um pouco da história de cada uma, conhecer a família, as características de sua faixa etária e a fase de desenvolvimento em que se encontra, além de considerar o tempo que permanecem na escola. Só assim, pode-se compreender quais são as reais possibilidades dessas crianças, lembrando que, para elas, a classe inicial é a porta de entrada para uma vida social mais ampla, longe do ambiente familiar.

A união dos princípios de educar e cuidar exige que o educador preste atenção em alguns aspectos centrais do cotidiano especialmente em se tratando de creches, onde a presença de crianças menores requer um olhar mais próximo e disponível para ação nessas duas vertentes. Se o atendimento é em período integral, a importância desses aspectos torna-se ainda maior.

De acordo com a matéria veiculada na revista Educação, edição nº 1, entre esses fatores que podem ser considerados como grandes linhas mestras na ação educativa, a psicóloga Danielle Cristina Wolff, diretora do Ceduc, entidade responsável pela gestão de creches de várias empresas como Natura, Unilever e Avon, aponta quatro pontos centrais: espaço físico, relação adulto/criança, harmonização dos tempos e procedimentos de higiene e limpeza (WOLFF, 2009, p.26).

O ambiente físico deve ser acolhedor e proporcionar tranquilidade e segurança dos pontos de vista físico psíquico à criança. O piso deve permitir que o bebê engatinhe por todo o espaço sem correr o risco de machucar-se. Ou então que ensaie os seus primeiros passos sem desníveis que o façam tropeçar. Os ambientes

que não foram concebidos como escolas devem ter proteções adicionais, tais como protetor de tomadas quando estas forem baixas, por exemplo. “Este mesmo espaço também deve ser aconchegante, para que a criança tenha a liberdade de brincar sozinha, se preferir. Deve acolher, instigar e convidar a estabelecer múltiplas relações”, observa Wolff (2009, p.26).

No que tange à relação educador e criança, é preciso que o educador da educação infantil de 0 a 3 anos enxergue seu educando muito além dos aspectos apenas cognitivos. Treinar o olhar para realizar uma leitura das linguagens não verbais, pois a criança desta idade, muitas vezes, comunica-se através do choro, da mordida (quando disputa algum objeto ou atenção com outra), do universo sensível que lhe é disponível, ainda segundo Wolff (2009, p.26).

No entender da psicóloga, o recomendável é que não haja divisão entre quem é responsável pelo educar e quem assume com o trabalho do cuidar, pois essa divisão normalmente embute uma atribuição de menor valor ao cuidar. Isso acaba por dissociar uma coisa da outra, empobrecendo a percepção sobre a criança e restringindo a ação educativa.

Ainda de acordo com Wolff (2009, p.23), educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser, e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Nesse processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

O educar tem um papel fundamental na Educação Infantil, pois, na maioria das vezes, vemos as crianças como seres indefesos e inocentes e, até mesmo incapazes, mas isso são formas errôneas de se ver as crianças. Ao contrário do que pensamos, elas são surpreendentes e capazes de ações e atitudes inesperadas pelo adulto; é por meio das capacidades de pensar, agir, sentir das crianças que o educar deve ser fortalecido cada vez mais desde a creche.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) apresenta a importância do trabalho com o cuidar e o educar de forma indissociável, valorizando as necessidades e os direitos que cada criança possui. Mas em um recente estudo

feito nas creches brasileiras, foi diagnosticado que ainda predomina um atendimento voltado principalmente à alimentação, à higiene e ao controle das crianças.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, expõe em seu Art.29 que “a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

O processo educativo das crianças é fator muito importante para sua vida, e deve ser encarado com muita seriedade pela família, escolas e professores. Com relação ao educar, Ferreira (1999, p. 719) declina a seguinte definição: “educar é promover a educação de (alguém); ou sua própria educação; instruir-se”, ou seja, educar trata-se de oferecer educação, promover aprendizagem, proporcionar conhecimentos necessários para a formação pessoal. Então, educar na Educação Infantil é promover o desenvolvimento infantil, a socialização, enfim, proporcionar ações pedagógicas que sejam significativas às crianças.

Para Craidy (2004, p.31), no dia-a-dia do trabalho da instituição de Educação Infantil, adultos e crianças convivem entre si, tendo a chance de conhecerem-se uns aos outros e de juntos, conhecerem um mundo de coisas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.24), a instituição não é uma família. No entanto, é familiar, afetuosa, cuidadosa, têm suas próprias leis, sua rotina, sua organização, suas escolhas, seus objetivos, visando ao bem–estar das crianças, de modo que elas se sintam seguras e orientadas no período em que convivem com outras crianças e com os adultos que, coletivamente, somam esforços para atendê-las da melhor maneira possível. Sendo assim, a equipe da cozinha, da limpeza, da manutenção, o pessoal da portaria, secretaria, as atendentes, a direção, ou seja, todas as pessoas que compõem o quadro de funcionários, cada qual no seu papel, a partir de parcerias desejadas e necessárias, contribuem para a qualidade do atendimento das crianças.

Ainda de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 23), nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciado nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ ou aqueles que trabalham com as maiores. As novas funções para a educação

infantil devem estar associadas a padrões de qualidade. Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhe fornecem elementos relacionados às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma.

O Referencial assegura que a instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que frequentam, indiscriminadamente, elementos de cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil.

Compreendidas e aplicadas, cuidar e educar caminham simultaneamente e de maneira indissociável, possibilitando que ambas as ações construam na totalidade, a identidade e a autonomia da criança. Para Mayer (2004, p. 44), “educar significa estar junto, construir, vivenciar, atuar, trocar, ceder, descobrir e humanizar, estabelecendo uma interação dinâmica com o grupo”.

A ação conjunta dos educadores e demais membros da equipe da instituição é essencial para garantir que o cuidar e o educar aconteçam de forma integrada. Essa atitude deve ser contemplada desde o planejamento educacional até a realização das atividades cotidianas.

## 3 BRINCADEIRA E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Hoje, o brincar se faz presente no contexto educacional, principalmente na educação infantil, é visto como forma de desenvolver as habilidades motoras, afetivas, sociais e cognitivas, proporcionando à criança oportunidade de vivenciar plenamente sua infância. Assim, a criança é considerada em sua totalidade

garantindo-lhe o respeito às suas necessidades, ao dar-lhe oportunidade de aprendizagem em diferentes situações no seu cotidiano escolar.

O brincar quando introduzido na escola, para a criança não deve perder a ludicidade, mas para o educar não deve ser dado somente com o intuito de diversão, este precisa ter clareza que, através da brincadeira, a criança cria, constrói e atribui determinados valores conceituais que serão de suma importância para o seu desenvolvimento social e individual.

Segundo Mayer (2004, p.62), a brincadeira pode ser vista como: “o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social, um sistema de regras, onde permite diferenciar cada brincadeira e um objeto”. Nesse viés, o desenvolvimento intelectual não consiste apenas em acumular informações, mas, sim, em reestruturar as informações anteriores, quando estas entram em um novo sistema de relações.

De acordo com Kishimoto citada por Mayer (2004, p.36), o conhecimento é adquirido por um processo de natureza assimiladora e não simplesmente registradora. No raciocínio decorrente do fato de que os sujeitos aprendem através do jogo é de que este possa ser utilizado pelo professor em sala de aula. As primeiras ações de professores apoiados em teorias construtivistas “foram” no sentido de tornar os ambientes de ensino bastante ricos em quantidade e variedade de jogos, para que os alunos pudessem descobrir conceitos inerentes às estruturas dos jogos por meio de sua manipulação.

Nesse sentido, as concepções sociais interacionistas partem do pressuposto de que a criança aprende e desenvolve suas estruturas cognitivas ao lidar com o jogo de regras. Nessa concepção, o brincar promove o desenvolvimento, porque está impregnado de aprendizagem. E isto ocorre porque os sujeitos, ao brincar de forma dirigida, passam a lidar com regras que lhes permitem a compreensão do conjunto de conhecimentos veiculados socialmente, permitindo-lhes novos elementos para apreender os conhecimentos futuros.

A criança, colocada diante de situações lúdicas, aprende a estrutura lógica da brincadeira e, desse modo, aprende também a estrutura matemática presente. O jogo deve estar carregado de conteúdo cultural.

Para Santos (2000, p.16), o brincar com intencionalidade educativa parte do princípio de que “a liberdade está no ato de brincar organizado pelo educador e não no espontaneísmo da criança. Não significando, portanto, que a criança não brinque

livremente", significa apenas que a criança não precisa "saber" qual a intencionalidade existente naquela forma do brincar, cabe ao educador ter a sensibilidade de saber quando e como interferir, incentivar e desafiá-la.

De acordo com Dalsico e Monteiro (2006, p. 04), baseando-se nas características próprias das crianças nessa faixa etária, o educador deve estar atento às atividades que propõe aos seus alunos para que estes possam desenvolver suas habilidades e capacidades:

**Criança de 0 a 2 anos:** nessa faixa etária é necessário estimular a criança durante as atividades diárias: no banho deve-se conversar com a criança, oferecer objetos e chamar a atenção para as partes do corpo; ao vestir, estimular a criança a encontrar determinadas peças do vestuário; na hora de comer, observar se a criança é capaz de alcançar, pegar, soltar e fazer movimento de pinça; é importante dar-lhe alimentos que ela possa comer com as mãos e oferecer colher e copo de plástico para se alimentar sozinha; no uso da fala, é fundamental oferecer indicação simples usando apenas um verbo, por exemplo: "Pega a boneca";

**Criança de 3 a 4 anos**: para essa faixa etária, é preciso promover ampla variedade de desafios motores, saltos, salteamentos, galopes, etc.; permitir experiências com coordenação: atividades que envolvam equilíbrio simples; oferecer experiências de manipular objetos e guiá-los (patinetes, pequenos carros, construir blocos); permitir esforços criativos e oportunidades exploratórias; oferecer atividades que incluam elementos de realidade da fantasia; praticar atividades que requeiram contagem simples; proporcionar atividades motoras grossas com ritmo simples, marchinhas e ações cantadas; oferecer oportunidades de imitar animais, máquinas, profissões e figuras de parentes; promover situações onde a criança seja valorizada, criando novas maneiras de jogar; permitir tempo para brincadeiras individuais e ajudar as crianças a aprender a brincar com os outros;

**Criança de 5 a 6 anos**: é necessário oferecer atividades que incentivem a revezar, dividir, vencer e perder; encorajá-la e elogiá-la; realizar atividades que deem a todas a oportunidade de serem o centro das atenções; dar explicações breves ao iniciar uma atividade; permitir oportunidades que requeiram cooperação, demonstrando a importância disso; incentivá-las a desenvolver diferentes maneiras de realizar uma mesma atividade; oferecer jogos vigorosos e acrobáticos, jogos com regras individuais, caçadas, atividades dramáticas, brincadeiras com narrativas, que envolvam todas as crianças; desenvolver habilidades rítmicas e com músicas (ritmos

criativos, danças folclóricas e jogos cantados); usar atividades com duração breve; promover curtos períodos de descanso e incluir atividades moderadas.

Trabalhar ludicamente na educação infantil não significa promover apenas atividades com jogos, mas sim, oportunizar atividades em que a ludicidade influencie no modo de ser do educando e do educador, na forma de preparar o ambiente para receber a criança e na maneira de perceber e promover o desenvolvimento infantil.

Santos (2000, p.114) afirma: “a criança que estimulada a brincar com liberdade terá grandes possibilidades de se tornar um adulto criativo”. O brincar influencia na vida da criança porque cria situações em que ela pode desenvolver a criatividade, dando-lhe melhores possibilidades de resolver criativamente problemas futuros. Entretanto, a brincadeira é um fator importante, senão essencial na vida humana, não é somente uma forma de manter o indivíduo ocupado, mas é uma atividade que desenvolve habilidades e oferece aquisição de conhecimentos.

Conforme Elkonin citado por Wiggers (2000, p.100), compreender a brincadeira como atividade tipicamente infantil, social e não inata, implica compreendê-la na perspectiva histórica. Portanto, vincula-se ao processo de hominização (processo evolutivo pelo qual a espécie humana se constitui) e humanização (tornar humano) da espécie humana, no qual, pelos meios e modos como os seres humanos produzem e trocam o que produzem, determinam-se as relações sociais, consequentemente, também entre os adultos e as crianças. Nessa perspectiva, à medida que os instrumentos e as ferramentas vão se tornando complexos, tornam-se também os processos educativos das novas gerações e das relações sociais como um todo, criando a mudança de lugar da criança na sociedade.

Nos brinquedos espontâneos com raízes populares, o desenvolvimento das habilidades é mais do que evidente. A maioria das crianças gosta de brincar construtivamente e, essa forma de brincar é importante para que aumente a autoestima e realização dos sujeitos.

O dinamismo de brincar é um processo vital e dependendo da classe socioeconômica, toma formas diferentes. Mas o estímulo é sempre o mesmo: a busca do lazer, a liberação do potencial de habilidades para a eliminação de atividades instintivas e psicossociais.

Ao brincar, o indivíduo se prepara para a vida, tempo que realiza uma descarga de energia útil ao seu desenvolvimento global. Nesse viés, é preciso perceber a

importância do lúdico para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade e no meio educacional.

Cabe também ao educador exercer o papel daquele que coloca e mantém regras e, por conseguinte, a segurança, assim, como o papel de cúmplice e companheiro do jogo da criança. Portanto, o pedagogo deve participar no auxílio, é um contraponto importante, juntamente com a família.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.27) “as atividades lúdicas, através das brincadeiras favorecem a autoestima das crianças ajudando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa”.

Entendemos que o lúdico contribui para o desenvolvimento da autoestima o que favorece a autoafirmação e valorização pessoal. E ainda, as brincadeiras, os jogos, os brinquedos podem e devem ser objetos de crescimento, possibilitando à criança a exploração do mundo, descobrir-se, entender-se e posicionar-se em relação a si e à sociedade de forma lúdica e natural exercitando habilidades importantes na socialização e na conduta psicomotora. Desse modo, brincando a criança vai construindo e compreendendo o mundo ao seu redor.

O brinquedo e as brincadeiras infantis têm uma função muito importante na vida de toda criança, porque expressam a forma como a criança reflete, ordena, destrói e constrói o mundo de sua maneira e como utiliza suas fantasias, desejos, medos, sentimentos a partir da experiência da vida. A brincadeira é, sobretudo, excelente instrumento para a aprendizagem infantil.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confirmou-se através deste artigo que os alunos trazem consigo conhecimento e curiosidades próprias de humanos, que quando motivados, põem para fora todo o conhecimento especial obtido através de experiências do cotidiano da vida e do trabalho, mesmo sendo esse conhecimento não sistematizado e sem um controle teórico avançado.

A educação deve estar mais próxima dos alunos de forma que eles percebam que utilizando as brincadeiras e em alguns momentos a história de vida pode

contribuir para que as aulas sejam mais interessantes, proveitosas e empolgantes. As brincadeiras beneficiam e valorizam também as disciplinas e devem ser colocadas como parceiras dos sujeitos e não como algo distante e superficial.

Para que isso ocorra, é necessário também que os pedagogos e professores se empenhem como colaboradores de uma educação consciente e pedagógica que se propõe a motivar e a conscientizar, levando ao discernimento crítico e modificador de uma realidade, propondo assim, a transformar sujeitos e para estes tenham acesso ao lúdico como forma de expressar sua afetividade e poder mostrar sua vontade de aprender durante esse trabalho pedagógico que está sendo implantado nas escolas.

## 5 REFERÊNCIAS

BRASIL**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: www.planalto.gov.br/ ccivil 03/ leis/ htm. Acesso em: 27 out. 2012.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V.1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRIADY, Carmem Maria. **Convivendo com crianças de 0 a 6 anos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI.** Rio de Janeiro: Lexicon Informática/ Nova Fronteira, 1999.

MAYER, Ivanise Corrêa Rezende. **Brincar e viver**: projetos em educação infantil. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2004.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WILGGERS**,** Verena. **A educação infantil no projeto educacional - pedagógico municipal**. São Cristóvão: Erechim, 2000.

WOLFF, Danielle Cristina. **Educação infantil**: educar e cuidar no dia-a-dia. Revista Educação nº. 1, 2009.